

Cleberton Correia Santos
(Organizador)



Agroecologia Debates sobre a Sustentabilidade

Atena
Editora
Ano 2019

Cleberton Correia Santos
(Organizador)

Agroecologia: Debates sobre a Sustentabilidade

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Rafael Sandrini Filho
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
A281	Agroecologia: debates sobre a sustentabilidade [recurso eletrônico] / Organizador Cleberton Correia Santos. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-499-3 DOI 10.22533/at.ed.993192407 1. Agroecologia – Pesquisa – Brasil. 2. Meio ambiente – Pesquisa – Brasil. 3. Sustentabilidade. I. Santos, Cleberton Correia. CDD 630
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro “Agroecologia: Debates para a Sustentabilidade” de publicação da Atena Editora, apresenta, em seus 14 capítulos, estudos relacionados ao manejo sustentável da agrobiodiversidade e perspectivas no fortalecimento da agricultura familiar. Este volume apresenta 6 capítulos baseados na vivência e experiência de comunidades rurais e alunos por meio de metodologias participativas. Os outros 8 capítulos são de pesquisas associadas às práticas sustentáveis para a produção de alimentos, manutenção dos recursos naturais renováveis e serviços ecossistêmicos.

A Agroecologia é uma ciência emergente que engloba princípios da agricultura sustentável interligando diversas áreas de conhecimento, tais como agronomia, biologia, ecologia, antropologia, sociologia, gestão ambiental, entre outras, a fim de estabelecer práticas que possibilitem o aumento da produção de alimentos baseando-se nos pilares da sustentabilidade “ecologicamente correto, socialmente justo e economicamente viável”.

No contexto da produção agroecológica são adotadas práticas que contribuam na agrobiodiversidade dos sistemas agrícolas e qualidade de vida. Nesta vertente, a agricultura familiar assume papel na produção de alimentos. No entanto, ainda há alguns desafios existentes, principalmente na etapa de comercialização, sendo necessárias reflexões sobre políticas de fortalecimento da agricultura familiar e intervenções comunitárias almejando o desenvolvimento rural sustentável.

Aos autores, os agradecimentos do Organizador e da Atena Editora pela dedicação e empenho na elucidação de informações que sem dúvidas irão contribuir no fortalecimento da Agroecologia e da agricultura familiar. Esperamos contribuir no processo de ensino-aprendizagem e diálogos da necessidade da produção de alimentos de base agroecológica e do emponderamento das comunidades rurais, e ainda incentivar agentes de desenvolvimento, isto é, alunos de graduação, de pós-graduação e pesquisadores, bem como instituições de assistência técnica e extensão rural na promoção do emponderamento rural e da segurança alimentar.

Cleberton Correia Santos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
REFLEXÕES SOBRE POLÍTICAS DE FORTALECIMENTO DA AGRICULTURA FAMILIAR E SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL NO MUNICÍPIO DE SEROPÉDICA-RJ	
Barbara Leandro Monteiro Katia Cilene Tabai Edilene Santos Portilho Isabelle Germano Coelho Bezerra Mariára Aparecida Miranda Pinto Patrícia Santos de Castro Fernandez Nidia Majerowicz Gabriel Alves Botelho de Mello Livea Cristina Rodrigues Bilheiro Anelise Dias	
DOI 10.22533/at.ed.9931924071	
CAPÍTULO 2	14
GRUPO AGROECOLÓGICO CRAIBEIRAS: UMA HISTÓRIA DE LUTA PELA AGROECOLOGIA NO ESTADO DE ALAGOAS, BRASIL	
Clayton dos Santos Silva Jessé Rafael Bento de Lima Luiggi Canário Cabral e Souza Rafaella Oliveira de Moura Jonas Olímpio de Lima Silva Arla Katherine Xavier de Lima Alessandra Keilla da Silva Natália Barbosa Silva Elenilton Lessa Silva dos Santos Gabriela Maria Cota dos Santos Luciana Vanessa Anselmo Sampaio José Alex do Nascimento Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9931924072	
CAPÍTULO 3	25
AGRICULTURA FAMILIAR DE BASE ECOLÓGICA EM SÃO BONIFÁCIO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA AGRICULTURA FAMILIAR	
Adilson Tadeu Basquerote Silva Eduardo Pimentel Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.9931924073	
CAPÍTULO 4	40
METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS NA EXTENSÃO RURAL AGROECOLÓGICA: REFLEXÕES DA EXPERIÊNCIA VIVENCIADA JUNTO AOS ESTUDANTES DE CURSOS TÉCNICOS EM AGROPECUÁRIA NO SEMIÁRIDO NORDESTINO	
Cristiane Moraes Marinho Helder Ribeiro Freitas Moisés Félix de Carvalho Neto Lucas Ricardo Souza Almeida Priscila Helena Machado	
DOI 10.22533/at.ed.9931924074	

CAPÍTULO 5 51

METODOLOGIA PARTICIPATIVA DE INDICADORES DE QUALIDADE DO SOLO: A CONJUNÇÃO DO SABER LOCAL E ACADÊMICO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM EM AGROECOLOGIA

Maria Clara Estoducto Pinto

Tayana Galvão Scheiffer

Emmeline Machado França

Adriana Maria de Aquino

Renato Linhares de Assis

DOI 10.22533/at.ed.9931924075

CAPÍTULO 6 59

GESTÃO COMPARTILHADA DA COMERCIALIZAÇÃO SOLIDÁRIA DE ALIMENTOS

Haloycio Mechelli de Siqueira

Joana Junqueira Carneiro

Erica Rodrigues Munaro Gabrig Turbay

Lucas Motte Valente

DOI 10.22533/at.ed.9931924076

CAPÍTULO 7 68

AGROBIODIVERSIDADE EM UM QUINTAL AGROFLORESTAL NA VILA DO TAMANCUOCA, MUNICÍPIO DE SANTA LUZIA DO PARÁ

Edivandro Ferreira Machado

Sarah Gabriella do Nascimento Silva

Walker José de Sousa Oliveira

Diocléa de Almeida Seabra Silva

DOI 10.22533/at.ed.9931924077

CAPÍTULO 8 73

CONSÓRCIO DE ADUBOS VERDES E INCREMENTO DA PRODUTIVIDADE DE MILHO PARA ENSILAGEM, UMA ALTERNATIVA PARA O PRODUTOR RURAL

Alexandra da Silva Martinez

Renan Pan

Wesler Meiners Caciano

Edleusa Pereira Seidel

DOI 10.22533/at.ed.9931924078

CAPÍTULO 9 78

MULTIPLICIDADE DO USO DE ESPÉCIES ARBUSTIVAS E ARBÓREAS EM SISTEMAS AGROFLORESTAIS BIODIVERSOS NO TERRITÓRIO DO CONE SUL DE MATO GROSSO DO SUL

Jaine Aparecida Balbino Soares

Jaqueline Silva Nascimento

Pablo Soares Padovan

Denise Soares da Silva Padovan

Luciana Ferreira da Silva

Gabriela Andrade de Oliveira

Douglas Christofer Kicke Basaia

Luana Gonçalves Perondi

DOI 10.22533/at.ed.9931924079

CAPÍTULO 10 89

CULTIVO AXÊNICO DE COGUMELOS COMESTÍVEIS EM SUBSTRATOS DESENVOLVIDOS COM RESÍDUOS AGROINDUSTRIAIS

Arthur Costa Pereira Santiago de Almeida
Laís Marinho de Melo Marques da Silva
Erica Livea Ferreira Guedes-Celestino
João Manoel da Silva
Crísea Cristina Nascimento de Cristo
Yamina Coentro Montaldo
Jakes Halan de Queiroz Costa
Tania Marta Carvalho dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.99319240710

CAPÍTULO 11 99

A INFLUÊNCIA DE CULTIVOS AGRÍCOLAS EM PARÂMETROS DA QUALIDADE DO SOLO

Leonardo Khaoê Giovanetti
Lisandro Tomas da Silva Bonome
Henrique von Hetwig Bitterncourt
Matheus Felipe Kruppa
Edidouglas de Souza
Heitor Flores Lizarelli

DOI 10.22533/at.ed.99319240711

CAPÍTULO 12 108

BANHEIRO SECO: UMA ALTERNATIVA ECOLÓGICA DE SANEAMENTO BÁSICO PARA A COMUNIDADE DE MAPIRAÍ DE BAIXO – CAMETÁ/PA

Odenira Corrêa Dias
Vítor Barbosa da Costa
Nivea Carolina de Oliveira Coelho
Noemi de Souza Guimarães
Benedito Henrique Monteiro Xavier
Marclei Prestes Balieiro
Kelli Garboza da Costa

DOI 10.22533/at.ed.99319240712

CAPÍTULO 13 116

RELATO DE ANTRACNOSE EM PITAYA VERMELHA DA POLPA BRANCA [*Hylocereus undatus* (HAW.) BRITTON & ROSE] EM LAVRAS, MG.

Fábio Oseias dos Reis Silva
Maruzanete Pereira de Melo
José Darlan Ramos
Letícia Gabriela Ferreira de Almeida
Francine Botelho de Abreu
Lucidio Henriques Vote Fazenda
Giovani Maciel Pereira Filho
Hugo Santos Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.99319240713

CAPÍTULO 14 122

RESPOSTAS A ADUBAÇÃO NITROGENADA PARA CANA-SOCA EM ÁREA DE APLICAÇÃO DE VINHAÇA

Antônio José Plácido de Mello

DOI 10.22533/at.ed.99319240714

SOBRE O ORGANIZADOR..... 127

ÍNDICE REMISSIVO 128

AGRICULTURA FAMILIAR DE BASE ECOLÓGICA EM SÃO BONIFÁCIO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA AGRICULTURA FAMILIAR

Adilson Tadeu Basquerote Silva

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC),
Bolsista CAPES. Florianópolis – Santa Catarina.

Eduardo Pimentel Menezes

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
e Pontifícia Universidade Católica (PUC/RJ), Rio
de Janeiro – Rio de Janeiro.

O presente trabalho foi realizado com apoio da
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal
de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de
Financiamento 001.

RESUMO: A agroecologia configura-se como atividade geradora de renda, de fixação das populações no campo e de qualidade de produção e de consumo para as populações. Este artigo descreve parte da realidade de São Bonifácio SC, no tocante à agroecologia, em diferentes espaços e contextos. A base de dados foram os discursos colhidos ao longo do trabalho de campo, bem como entrevistas não estruturadas realizadas com os membros adeptos a este sistema no município e no seu ponto de venda junto à Universidade Federal de Santa Catarina. Percebeu-se que os/as agricultores/as agroecológicos reconhecem a importância de seu trabalho com a agroecologia, e que o mesmo já está incorporado em seu cotidiano. Eles/as asseguram que este sistema

configura-se como uma fonte de renda e ainda pode promover integração e cooperação entre os membros. Reconhecem por meio disto, a valorização do seu modo de vida e de seu território, embora por vezes as jornadas laborais ainda sejam extensas e a geração de excedente pequena.

PALAVRAS-CHAVE: Agricultura; Agroecologia; Produção; Qualidade.

ABSTRACT: Agroecology is an activity that generates income, fixes populations in the countryside and produces quality and consumption for the population. This article describes part of the reality of São Bonifácio SC, in relation to agroecology, in different spaces and contexts. The database was the speeches collected during the field work, as well as unstructured interviews with the members of this system in the municipality and at its point of sale at the Federal University of Santa Catarina. It was noticed that agroecological agriculturists recognize the importance of their work with agroecology, and that it is already incorporated in their daily lives. They ensure that this system is a source of income and can further promote integration and cooperation among members. They recognize, through this, the valorization of their way of life and of their territory, although sometimes the work days are still extensive and

the generation of small surplus.

KEYWORDS: Agriculture; Agroecology; Production; Quality.

1 | INTRODUÇÃO

A busca pela satisfação de suas necessidades sempre levou os seres humanos a produzirem transformações culturais e ambientais. Procurando aumentar a produtividade e gerar maior excedente, foram desenvolvidas inúmeras técnicas e formas de utilização dos recursos naturais. Santos (2003) salienta que o processo de produção passou por várias transformações assim como os modelos de utilização dos recursos em escala mundial. À medida que o capitalismo se desenvolveu, o número de modelos se reduziu e a margem de escolhas se tornou cada vez mais estreita. Após a Segunda Guerra Mundial, com a instauração do capitalismo tecnológico, nem sequer se pode continuar a falar de uma escolha. Segundo este mesmo autor, impõe-se um só modelo de tecnologia, de organização e de utilização do capital.

Com a intensificação da globalização, a partir de 1970, além do aumento da produção, as trocas entre os países e regiões se intensificaram. Isso se expressa na forma de informações, capitais, bens e serviços, e também pelo deslocamento de pessoas. Neste cenário, a globalização diz respeito também à sociedade e configura-se como a convergência dos modos de vida (BENKO e PECQUEUR, 2011).

Segundo Pires e Verdi, (2009, p. 84):

As respostas a essas questões devem mostrar como as novas teorias e as estratégias de desenvolvimento territorial, local e regional sugerem novos elementos ao debate teórico e às expressões territoriais de situações diversas, como as apresentadas pelo Brasil. Nos últimos anos é cada vez mais evidente a ideia de que o desenvolvimento localizado é dependente de ativos e recursos específicos próprios a certas localidades e regiões [...]. Estes são a principal via de indução do desenvolvimento territorial local e regional.

No contexto da produção agrícola não é diferente. Ao longo da história foram criadas inúmeras técnicas e tecnologias com a finalidade de aumentar a produção. No entanto, o modelo capitalista de exploração dos recursos naturais levou a uma degradação ambiental sem precedentes na história. No Brasil, com uma economia integrada internacionalmente, adotou-se os valores e condutas produtivas mundiais, levando à degradação ambiental e à acumulação do excedente apenas por parte dos envolvidos no processo produtivo.

Neste contexto, que condições são necessárias para que o próprio território seja um agente importante para o desenvolvimento regional e local? Como a produção em pequena escala mantém-se ativa frente ao predomínio do grande capital agrícola? Estas são questões que proporcionam discussões entre seus diversos atores. No entanto, assegura-se que a agricultura familiar resiste, buscando formas de manter a produção, a sucessão geracional e gerar excedente mínimo para a sobrevivência de seus membros.

Embora apresente distintas conceituações, entende-se por agricultura familiar, ou agricultura enquanto atividade familiar, “a ideia de uma identidade entre família e exploração” (LAMARCHE, 1993, p. 18). Para o autor, ela corresponde a uma unidade de produção agrícola onde propriedade e trabalho estão intimamente ligados à família. Corroborando, Wanderley (2001), afiança que a agricultura familiar é entendida como aquela em que a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção (produzindo para seu consumo e para o mercado), assume o trabalho no estabelecimento produtivo. Segundo a autora, a conjugação dessas duas características, ou seja, o fato de uma estrutura produtiva associar família-produção-trabalho, tem consequência fundamental na forma como ela age econômica e socialmente. Uma das consequências desta forma de agir é entender as necessidades do grupo doméstico e a reprodução para as gerações futuras.

Entre as características centrais da agricultura familiar, Abramovay (1998) considera três atributos básicos: gestão, propriedade e trabalho familiar. Para ele, agricultura familiar como aquela em que a gestão da propriedade e a maior parte do trabalho é proveniente de indivíduos que mantêm, entre si, laços de sangue ou de casamento. Na mesma direção, Lamarche (1993) também considera a família, a gestão e o trabalho como essenciais na concepção de agricultura familiar quando afirma que a exploração familiar corresponde a uma unidade de produção agrícola onde propriedade e trabalho estão intimamente ligados à família.

Em Santa Catarina, que abriga em seu território muitos agricultores de caráter familiar em pequenas propriedades, existem várias iniciativas que buscam sistemas alternativos à esta lógica mercadológica e excludente de produção agrícola. Uma delas é a agroecologia e práticas que buscam valorizá-la, como a comercialização direta, onde os agricultores vendem seus produtos em feiras ou mercados locais e até mesmo pela internet com entrega em domicílio, geralmente com uma certificação que lhes diferencia dos agricultores convencionais. Para Caporal e Costabeber (2004, p. 65).

Agricultores convencionais são tratados na literatura que conceitua a Agroecologia como agricultores que aderiram ao modelo produtivista estimulados pelas políticas de modernização da agricultura iniciadas nos anos 1960, conhecida como Revolução Verde. Algumas características dos agricultores convencionais são o uso de insumos industriais, as monoculturas, uniformização genética e, geralmente, a subordinação a uma empresa que comercializa seus produtos

Caporal et al. (2006), mencionam que agroecologia é uma ciência que vem da junção da ecologia com a agronomia, levando em consideração a necessidade de conservação da biodiversidade ecológica e cultural, baseada no enfoque sistêmico para a abordagem dos aspectos relativos ao fluxo de energia e de materiais nos agroecossistemas. Corroborando com estes autores, Gliessmann (2001) afirma que a agroecologia visa desenvolver uma agricultura ambientalmente adequada, produtiva do ponto de vista técnico e economicamente viável, valorizando o conhecimento local dos agricultores, a socialização desse conhecimento e sua aplicação ao objetivo comum da sustentabilidade.

Deste modo, agroecologia incorpora ideias que vão além das fronteiras convencionais. Para Altieri,

[...] constitui uma estrutura teórica destinada a compreender os processos agrícolas de maneira ampla. Os sistemas produtivos são concebidos como uma unidade fundamental de estudo, onde os ciclos minerais, as transformações energéticas, os processos biológicos e as relações socioeconômicas são investigados e analisados como um todo [...] a pesquisa agroecológica preocupa-se não em maximizar a produção de uma atividade em particular, mas sim com a otimização do agroecossistema como um todo. Esta tendência troca a ênfase de uma pesquisa agropecuária direcionada a disciplinas e atividades específicas para tratar de interações complexas entre pessoas, culturas, solos e animais (1989, p.18).

Stringheta e Muniz (2003) argumentam que a produção agroecológica está inserida, do ponto de vista normativo, na produção orgânica, seguindo normas específicas para garantir a integridade dos produtos, além de buscar a sustentabilidade dos agroecossistemas em termos sociais, técnicos, econômicos e ambientais. No que concerne à produção, ela vem crescendo consideravelmente, conforme destacam Altmann e Oltramari (2004). Para os autores, isso acontece devido ao menor uso de agroquímicos, evitando contaminação dos recursos naturais e reduzindo problemas de saúde nos produtores e nos consumidores. Além disso, há um maior aproveitamento dos recursos locais, o maior emprego de mão de obra e menor dependência de insumos externos promovendo, assim, maiores benefícios sociais e econômicos.

Para Darold (2002) a agroecologia tem servido como uma estratégia de desenvolvimento rural, geralmente em forma de redes ou cooperativas, associadas em geral a movimentos sociais, visando resgatar no agricultor sua condição de sujeito social. O autor defende que nesse sistema de produção, o agricultor tem a possibilidade de dominar o processo na sua integridade, desde a produção, transformação, armazenamento e comercialização, restabelecendo sua relação com o consumidor.

Neste contexto, o estado de Santa Catarina apresenta um potencial para o desenvolvimento desta atividade por reunir características peculiares como sistemas produtivos baseados em pequenos empreendedores, estrutura fundiária com característica de pequena propriedade (grande parte do estado), população bem distribuída, regiões especializadas em determinados setores industriais, um elevado número de instituições (públicas e privadas) promotoras de desenvolvimento local e, paralelo a isto, ações e intervenções governamentais.

Na década de 1980 Santa Catarina sofreu um intenso êxodo rural, aumento dos problemas urbanos e degradação dos ecossistemas. Nos anos 1990, as mudanças globais e a reestruturação produtiva levaram a algumas modificações no modelo padrão Catarinense de desenvolvimento. Ocorreram transformações nas estruturas dos aglomerados industriais locais, prestação de serviços de alta tecnologia e cooperativismo, entre outros (VIEIRA e CUNHA, 2002). Estes autores também apontam a necessidade de um novo estilo de desenvolvimento que seja harmônico, social, político e ecológico. É neste contexto que atua a agroecologia, um sistema de produção

agrícola alternativo que busca a sustentabilidade da agricultura familiar resgatando práticas que permitam ao agricultor familiar, produzir com baixa dependência de insumos industriais como defensivos e fertilizantes sintéticos, por exemplo.

Nesta direção, este ramo de produção ultrapassa meramente as técnicas agroecológicas de cultivo. Á medida que inclui elementos ambientais e humanos. Atua como um modo de vida, que busca resgatar e valorizar o conhecimento tradicional da agricultura de base familiar. Além disso, ela se apresenta como uma nova forma de obtenção de renda e agregação do excedente para os agricultores familiares, à medida que, apresenta-se como um nicho de mercado crescente e oferece produtos diferenciados e a preços mais vantajosos oferecidos pelos mercados de produtos orgânicos (TRIVELLTO e FREITAS, 2003).

No entanto, embora haja políticas públicas, sistemas de crédito e orientação técnica para o setor, demanda de mercado e aumento no ritmo de crescimento de pessoas que buscam consumir produtos agroecológicos, na maioria dos lugares a quantidade de produtos oferecidos apresenta-se abaixo da demanda. Segundo Aquino (2005), esta baixa oferta se deve à dificuldade que os agricultores têm de integra-se ou ajustar-se às redes de comercialização ou de economia solidária.

Em seu estudo, Basquerote (2015) constatou que em áreas onde atuam determinadas organizações não governamentais pode existir uma maior integração, articulação e consolidação dos agricultores familiares neste segmento. Segundo ele, estes organismos, por características próprias, conseguem uma maior adesão de agricultores familiares à produção agroecológica, visto que, ela pode promover uma maior autonomia produtiva ao agricultor familiar e maior acumulação de excedente.

Ao avaliar o contexto Segundo Oliveira (2015) no contexto do município de São Bonifácio/SC, o início das atividades de base agroecológicas com fins comerciais, foi motivado pela ação da

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri). Segundo ela, gradativamente as famílias foram usando técnicas que já conheciam e adotando novas formas de trabalhar a terra. Desta forma, adotaram um sistema produtivo mais holístico que prima pela qualidade de todas as populações envolvidas. Assim sendo, com a finalidade de descrever o processo de produção de base ecológica em São Bonifácio/SC, em diferentes espaços e contextos, o presente trabalho busca compreender a evolução produtiva deste sistema nesse município.

2 | O CONTEXTO DE ESTUDO E A METODOLOGIA

O município de São Bonifácio está inserido na microrregião da Grande Florianópolis. Incrustado nas encostas da Serra Geral de Santa Catarina, possui uma área de aproximadamente 461km², sendo 55% dentro do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro. Possui uma população de 3.008 habitantes dos quais 2.323 desenvolvem

atividades ligadas ao setor primário (IBGE, 2010). A figura 1, apresenta a Localização do município de São Bonifácio na escala estadual e municipal.

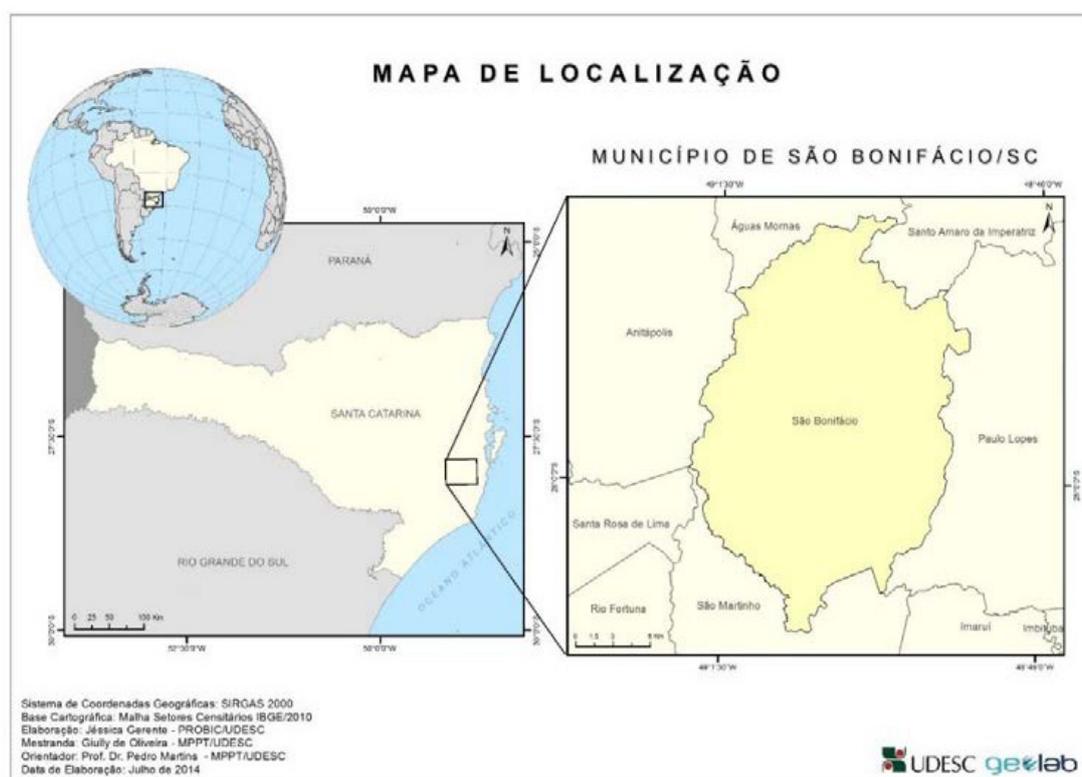


Figura 1 – mapa do Município de São Bonifácio em escala estadual e regional.

Fonte: Oliveira (2015);

A base econômica de São Bonifácio é a atividade agrícola em pequenas propriedades que remontam ao período de colonização alemã no sul do Brasil. Tipicamente de interior, o lugar reserva atrativos peculiares a qualquer visitante (MARTINS; WELTER, 2012). Entre os elementos de destaque, encontram-se suas belezas naturais (serras, rios, vegetação exuberante, e a inúmeras quedas d'água que lhe conferem o título de Capital Catarinense das Cachoeiras). Também é destaque a questão cultural de seu povo por meio da língua, dos costumes, da arquitetura em estilo *enxaimel*, da gastronomia, do folclore, da dança e da religiosidade. Recentemente vem se destacando na produção e comercialização de produtos agroecológicos. A figura 2, expressa os alguns dos atrativos do município.



Figura 2- Atrativos turísticos do município de São Bonifácio (Casas típicas em estilo exaimel¹ (1), Cachoeiras (2), Pão de milho (3) e Grupo Folclórico: *Tanzen Freude und Liebe* (4).

Fonte: Oliveira e Basquerote (2017).

Como forma de compreender melhor a realidade do referido município no tocante à agroecologia buscou-se, através de um trabalho de campo, conhecer e descrever a realidade local e, a partir dela, realizar um recorte etnográfico². Considerando o contexto, procurou-se realizar uma pesquisa qualitativa cujos procedimentos utilizados na coleta de dados foram: a observação *in loco* e entrevistas por narrativas de seis produtores agroecológicos durante a visita a algumas propriedades do município e no ponto de venda junto à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)³. Durante o trabalho de campo foi observado, por meio do contato direto com algumas famílias, como é processada a realidade de forma geral, usando os dados coletados nas narrativas dos próprios agricultores. Assim sendo, a observação participante e a entrevista por meio de narrativas se constituíram técnicas privilegiadas para investigar e descrever parte da realidade no que tange à agroecologia de São Bonifácio SC, em seus diferentes espaços, contextos, saberes e as práticas de vida social, reconhecendo as ações e as representações individuais e coletivas da vida dos produtores agroecológicos.

1 Segundo Weimer (2005), são compostas por paredes montadas com hastes de madeira, encaixadas entre si em posições horizontais, verticais ou inclinadas, cujos espaços são preenchidos, geralmente, por pedras ou tijolos. Essa arquitetura é típica da região da Westfália (Alemanha)

2 A pesquisa etnográfica possibilita, desta maneira, uma interpretação da cultura de um grupo a partir da investigação de como seu sistema de significados culturais está organizado e de como influencia o comportamento grupal.

3 Semanalmente os produtores comercializam seus produtos no campus da UFSC em Florianópolis, onde montam uma barraca e atendem os clientes.

3 | A PRODUÇÃO DE BASE AGROECOLÓGICA EM SÃO BONIFÁCIO/SC

A evolução do processo agrícola se confunde com a própria evolução humana. Com o passar dos tempos e as transformações que o homem foi promovendo, começou a produzir instrumentos de trabalho mais eficientes que contribuíram para o aumento da produção e, conseqüentemente, a diminuição da dependência da agricultura em relação à natureza. Com o uso das inovações surgidas nos séculos XVIII e XIX na Europa, principalmente, o homem tornou-se mais dependente em relação ao setor industrial. Isso corresponde à tecnificação e à mecanização da produção agropecuária. A modernização da agricultura segue os moldes capitalistas e tende a beneficiar apenas determinados produtos e produtores, fortalecendo a monocultura. Como resistência ao processo de modernização da agricultura, fortaleceu-se desde o início do século XX, na Europa, uma forma alternativa de produção, a agroecologia.

A partir da difusão do movimento agroecológico, com a luta contrária às políticas agrícolas dominantes, um novo mercado surge, inicialmente com fraco apoio institucional do Estado. Atualmente, apesar das dificuldades, o mercado apresenta-se em expansão e a produção acontece. Nele a comercialização se dá, na maioria das vezes de forma direta, em feiras que tradicionalmente configuram-se como espaços de comercialização de gêneros característicos da agroecologia. Algumas dessas feiras recebem apoio de organizações não governamentais que somam forças no intuito de fortalecer este sistema produtivo. A Associação de produtores Agroecológicos Água Corrente de São Bonifácio, têm a UFSC como parceira, á medida que cede espaço no Campus da Trindade para a comercialização de produtos todas as quartas feiras (Tradicionalmente conhecida como “Feirinha da UFSC”). Além disso, os agricultores comercializam seus produtos na própria cidade de São Bonifácio e em municípios vizinhos, como São Martinho e São José. A figura 3 a apresenta a feira de comercialização dos produtores na “Feirinha da UFSC”.



Figura 3. Comercialização da produção na “Feirinha da UFSC”.

Fonte: Os autores (2017).

As narrativas dos produtores revelaram que a adoção deste modelo de produção para comercialização gerou incertezas. No entanto, com o apoio institucional do serviço de extensão da Epagri, as famílias organizaram-se, e passaram a produzir e comercializar, tendo subsídios técnicos e teóricos para a constituição e implementação da Associação. Segundo eles, inicialmente foi indispensável compreender como era o espaço onde viviam e as relações que ali se estabeleciam.

Em São Bonifácio é possível observar diferentes espaços agroecológicos onde a produção é voltada para a comercialização em outras localidades ou entregue nas residências dos consumidores na própria cidade, servindo também para a subsistência dos próprios agricultores. A narrativa de Eva, uma das agricultoras entrevistadas, trouxe à baila o contexto da trajetória da agroecologia no município. Segundo ela, quando a comunidade recebeu a proposta deste sistema alternativo de produção e seus benefícios, houve grande euforia em relação à geração do excedente, muitas vezes sem contar com possíveis entraves que poderiam surgir, como técnicas para produzir e o custo do transporte dos produtos, entre outros. Conta ela que alguns produtores desejavam atuar de forma isolada, ao passo que outros desejavam fazê-lo de forma coletiva e isto gerou até desentendimentos. Logo perceberam, no entanto, que por intermédio da coletividade é maior a probabilidade de se lograr êxito. No transcorrer do processo e no seu amadurecimento alguns membros do grupo inicial de produtores abandonaram o sistema de produção agroecológica e voltaram ao sistema convencional. Eva relatou que na propriedade de sua família, gradativamente já vinham diminuindo o uso de “agrotóxicos” e a adoção da agroecologia veio a calhar com o objetivo de mudança de postura produtiva. A agricultora relata:

Nós não queríamos deixar a roça e ir pra cidade, mas estava quase impossível permanecer aqui, mal dava pra gente sobreviver. Nós nascemos nesta comunidade, conhecemos todos que moram aqui. Esta casa foi do meu avô e, apesar de ser antiga, ainda no estilo enxaimel, eu gosto dela. Essa terra me criou e a meus irmãos. Tudo que nós temos, conseguimos com o que ela nos deu. É muito bom viver aqui. Se precisamos de alguma coisa, vamos no vizinho e pegamos emprestado. Depois, quando a gente vai pra cidade, compra e devolve. Quando nós vamos passear, a vizinha vem e tira o leite da vaca, trata a criação. A gente sabe que na cidade o ritmo é outro, é cada um pra si.

A afirmação acima evidencia o não interesse em deixar o campo, o território. Neste sentido, a relação com a propriedade é outro traço marcante na agricultura familiar. A noção de propriedade e o pertencimento ao território ou à comunidade é bastante presente no cotidiano dessas pessoas. Fernandes (2006) ressalta que pensar o campo como território significa compreendê-lo como espaço de vida ou como um tipo de espaço geográfico onde se realizam todas as dimensões da existência humana.

Para Tedesco (1999), são a cultura e o território que dão ao grupo social a sua unidade. Assim, a concepção de cultura e território tem papel relevante na construção das identidades coletivas. Pode-se afirmar que a identidade dos agricultores familiares é constituída a partir de tradições, saberes, crenças, comportamentos e valores, que

consideram tanto dimensão material quanto a dimensão simbólica.

As narrativas dos agricultores evidenciaram o sentimento de pertencimento à comunidade que, como afirma Tedesco (1999), é fundamental para a estrutura do conjunto social e para o desenvolvimento do homem. Para o autor, a honra, a terra, a moral, a afetividade, a disposição para o trabalho, são requisitos sociais vividos e concebidos individualmente, porém legitimados no âmbito comunitário.

Sobre o assunto, Haesbaert (2006) enfatiza que além do território ser um espaço político e econômico deve ser valorizado em sua dimensão cultural, indenitária, vinculado à diferenciação e à diversidade cultural, um espaço constituído por cultura, símbolos/signos, história, religião e com fortes laços de identidade e de pertencimento que se manifestam na convivência. Representa-se um objeto de operações simbólicas, no qual os sujeitos projetam suas concepções de mundo.

O relato José evidenciou o contexto do início da comercialização de base agroecológica. Segundo ele, a produção foi impulsionada pela procura por parte dos consumidores de uma alimentação mais saudável e que sabem que ele foi produzido, sob a perspectiva e consideração dos aspectos éticos em relação ao produtor, consumidor e ao ambiente. As constatações de José vão ao encontro das afirmações de Gliessmann (2001), quando sugere que é crescente a preocupação das populações urbanas com a saúde e qualidade de vida. Muitas vezes, ela própria influência do mercado, cria e recria nichos, ou seja, espaços ou oportunidades. Para Josué, os consumidores perguntam coisas da propriedade, do trabalho da produção, das relações familiares, do dia a dia. Alguns chegam mesmo a visitar a propriedade para conhecer a realidade dos produtores. Josué:

A gente cria uma relação de confiança com nosso clientes. Nós conhecemos eles e eles nos conhecem. Muitos deles acabam conhecendo nossa casa, o processo de produção, o que se produz na propriedade. Querem conhecer como nós produzimos o alimento, de onde ele vem, querem recolher ovos, tirar leite, alimentar as vacas.

O contato entre os consumidores e os agricultores acabou por produzir uma relação, de certa forma afetiva, pela frequência e tipo de interação estabelecida. Os agricultores passam a ser muito mais que meros fornecedores de alimento> Em contrapartida, para os consumidores a relação é muito mais do que mercantil. Efetiva-se aí uma relação de confiança e reciprocidade. Specht e Ruckter (2008) reforçam o proposto anteriormente, quando afirmam que estas peculiaridades vêm gerando uma relação específica de proximidade entre o produtor, o produto e o consumidor como forma de vínculo e de identidade.

Há que destacar também, que o contato com pessoas de fora da propriedade e da comunidade, levou os produtores a experienciar outras realidades. Por exemplo, a comercialização é realizada pelos próprios agricultores e, como consequência, provoca modificações na sua rotina de trabalho. Neste sentido, Maria expressa como acontece a rotina do dia de feira:

Todo mundo dá duro, acorda cedo, trabalha na lavoura, entendendo um pouco de tudo. No dia que vamos à Florianópolis, pulamos madrugada, arrumamos as coisas e pegamos três horas de estrada. Vende, faz entregas, no final do dia o cansaço pega.

Além disto, constatou-se que os homens consideram que as mulheres têm maior afinidade com este tipo de produção, por meio do maior cuidado com a manipulação das plantas desde o cultivo até a comercialização e que, geralmente, são elas que beneficiam alguns produtos, como é o caso das geleias, derivados do leite, compotas, pães, doces. Mário relata:

Nós não temos tanto jeito pra lidar com algumas coisas. As mulheres são mais detalhistas, têm mais cuidado e conseguem fazer os trabalhos mais minuciosos. Já nós homens, fazemos os serviços mais pesados e que envolvem mais força.

Os produtos beneficiados nas propriedades possuem valor agregado devido à forma como são produzidos. Nos doces e nas geleias usa-se açúcar orgânico e as frutas são dos pomares das propriedades. As bolachas são confeccionadas e embaladas de forma artesanal. As compotas são feitas com muito esmero e esteticamente se diferenciam daquelas produzidas em escala industrial. Nas geleias (conhecidas como chimias) procuram manter o aspecto das próprias frutas, como sementes e caroço. O pão de milho, que é o produto símbolo do município, ganha lugar de destaque. Produzido a base de batata doce, cará e farinha de milho, é assado em formas forradas com folhas de caeté ou bananeira. Este pão é bastante consumido, seja pelo seu valor nutricional ou pela relação histórica deste alimento que remonta aos primórdios da colonização. Falar do pão de milho é falar da própria história de vida destas pessoas, devido a nostalgia que causa para as pessoas do município, como é o caso da agricultora Angelita:

Fiz meu primeiro pão de milho com seis anos. Há cinco anos faço o pão de milho pra vender. Eu aprendi a fazer o pão com a minha mãe e com a minha avó, que também foi uma mãe pra mim. Pão de milho é comida de colono. O colono que trabalha na roça, eles dizem que se não tem pão de milho, eles logo ganham fome. Quando a gente vai pra roça leva o pão de milho, ovo cozido, banana, é a comida da gente. Quando a gente era pequena, comia pão de milho com banha de porco e açúcar por cima.

Este relato evidencia a relação do pão de milho com os laços familiares e faz com que o agricultor agroecológico reproduza em sua cultura o saber fazer, continuando ainda a preparar o pão de forma tradicional com a batata doce e o cará, ralados, farinha de milho, preferencialmente o crioulo, envolto em folha de caeté ou bananeira e assado em forno a lenha até queimar a camada superior. Neste sentido, o pão de milho tem um significado que ultrapassa as relações materiais. Conforme afirma Haesbaert (1999), os aspectos materiais que contribuem para a formação das identidades são constituídos essencialmente por objetos e ou artefatos que servem como utensílios e por construções, estes capazes de resistir ao tempo. Apesar da materialidade, esses objetos são carregados de subjetividade e significados atribuídos pelos indivíduos. Ficou evidente também a ligação da tradição do pão de milho à vida das pessoas da

comunidade. Tradição, neste caso, inventada, no sentido que este conceito ganha na visão de Hobsbawn (2008).

Além dos produtos comercializados, o turismo (em especial o rural) no município de São Bonifácio tem potencial para ser um fomentador da agroecologia (OLIVEIRA, 2015). Muitos dos turistas vão à cidade desejando consumir os produtos que são ali produzidos ou até adquiri-los para levá-los às suas cidades de origem. É o caso dos doces, pães, conservas, compotas, geleias, licores, entre outros. Vários deles já produzidos de forma agroecológica.

É comum que os turistas queiram, no café da manhã, as famosas *chimias* ou geleias, ou alimentos preparados com banha de porco ou em formas untadas com a mesma, bolachas e bolos típicos, o pão de milho, frutas e verduras ali produzidas. Alguns, inclusive, querem ir até as propriedades e colher nos próprios pés as frutas.

Concomitantemente, por serem rurais, distintas pousadas também contribuem no desenvolvimento da agroecologia, à medida que em seu cotidiano produzem e/ou servem aos seus hóspedes produtos de origem agroecológica ou até mesmo os comercializam. É o caso da Pousada Paraíso que, além de hospedar os turistas, serve uma variedade de quitutes e disponibiliza para venda sucos, licores e geleias que poderiam ser genuinamente de origem agroecológica.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto descreveu parte da realidade agroecológica do município de São Bonifácio/SC. Por meio de interações informais com os produtores que se percebeu que foram, e continuam sendo, muitos os desafios no que tange à conversão da produção dos moldes convencionais para o sistema agroecológico. Os agricultores estavam habituados às técnicas tradicionais de produção que se baseiam em tecnologias (insumos e maquinário) e para a mudança foi necessária a busca ou criação de técnicas apropriadas e adaptadas às condições do meio historicamente bastante degradado devido à intensa exploração dos recursos naturais.

Como no sistema produtivo agroecológico não existem respostas prontas e os níveis quantitativos de produção, em média, são bem menores, além de exigir do produtor certa postura de cooperação e busca constante de aperfeiçoamento e aprendizado, tornou-se evidente a necessidade de romper com o isolamento produtivo e muitas vezes coletivizar a produção ou parte dela, principalmente no tocante à comercialização.

Verificou-se que a transição ecológica é a etapa mais difícil, pois é nela que os agricultores modificaram o modo de perceber, organizar e intervir na propriedade. É o momento em que eles se conscientizam de que a produção baseada em recursos externos e de origem industrial é insustentável, não só ecologicamente mas também socioeconomicamente.

Assim sendo, compreender a agricultura familiar de base agroecológica em São Bonifácio auxiliou na compreensão da própria ocupação histórica daquele espaço, o modo de vida daquelas pessoas, as mudanças pelas quais elas passaram e como este sistema vem contribuindo para a manutenção dos produtores no campo. Evidenciou-se que também que ela é uma forma de valorizar os conhecimentos e as relações que ali se desenvolvem. Foi possível identificar também o papel que as mulheres exerceram na introdução deste sistema e o seu protagonismo na atualidade.

Constatou-se que a agroecologia não garante apenas geração de renda, mas propicia também o aumento da autoestima dos agricultores e sua integração à mediada que promove a maior sociabilidade por meio do trabalho coletivo. O processo de comercialização obriga que os sujeitos se relacionem com pessoas de outros lugares permitindo também que o local onde vivem e produzem receba visitantes que queiram conhecer o seu processo de produção e o seu contexto vivencial.

Notou-se também que o processo de produção agroecológica gera mais segurança no trabalho e maior qualidade de vida pelas suas características: a agroecologia garante menor contaminação dos agricultores e do ambiente, melhora na qualidade do consumo. Antes de serem vendedores de produtos agroecológicos, agricultores são, acima de tudo, consumidores de sua própria produção.

Em última análise, a agroecologia tem se mostrado como uma alternativa viável e promissora para os agricultores familiares de São Bonifácio. Ela possibilita uma maior agregação de valor à produção, bem como geração de excedente, à medida que o agricultor comanda todas as etapas do processo, desde a produção até a comercialização, contribuindo para a manutenção das pessoas no campo com maior satisfação e qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. Agricultura familiar e serviço público: novos desafios a extensão rural. Brasília. **Cadernos de Ciência & Tecnologia** (Brasília), V.5, n.1, p132-52, jan/abr.1998.

ALTIERI, Miguel A. **Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa**. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989.

ALTMANN, R.; OLTRAMARI, A. C. **A Agricultura Orgânica na Região da Grande Florianópolis: indicadores de desenvolvimento**. Florianópolis: Instituto Cepa/SC, 2004.

AQUINO, Adriana M de; ASSIS, Renato Linhares. **Processos Biológicos no Sistema Solo Planta. Ferramentas para uma agricultura sustentável**. Brasília: EMBRAPA, 2005.

BASQUEROTE, Adilson. T.S. **Associação de produtores agroecológicos: gênero, migração e desafios da sucessão**. 2015. 152f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2015.

BENKO, Geoge; PECQUER Bernard. Os recursos dos territórios e os territórios dos recursos. **Geosul** (Florianópolis), v. 16, n.32, p. 31-50, jul./dez.2011.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. "Agriculturas de base ecológica" in: **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004, p. 7-11.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A.; PAULUS, G. **Agroecologia: Matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável**. Brasília: [s.n.], 2006.

DAROLD, M. R. **Agricultura Orgânica: inventando o futuro**. Londrina: IAPAR, 2002.

FERNANDES, B. M. "Os campos da pesquisa em educação do campo: espaço e território como categorias essenciais" in: MOLINA, M. C. (Org.). **Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão**. Brasília: MDA, 2006, p. 27-39.

GLIESSMANN, S. R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.

HAESBAERT, R. **O Mito da Desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HOBSBAWN, Eric. "Introdução: a invenção das tradições" in: HOBSBAWN, E. & RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. 5 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008, p. 09-23.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico 2010. Disponível. em: < www.ibge.gov.br>. Acesso em: 09 abr. 2019.

LAMARCHE, Hugues et.al (coords.). **Agricultura familiar: Comparação internacional**. Campinas: Unicamp, 1993.

MARTINS, Pedro. Cabo-verdianos em Lisboa: manifestações expressivas e reconstrução identitária. **Horizonte Antropológico** vol. 15, n. 31 (Porto Alegre), p. 241-62, 2009.

MARTINS, Pedro; WELTER, Tania. "Francisco e Egon Schaden como atores na construção do imaginário de São Bonifácio/SC" in: MARTINS, Pedro; SÁNCHEZ, Héctor Àvila;WELTER. (orgs). **Território & Sociabilidade: relatos latinoamericanos**. Florianópolis:UDESC, 2012.

OLIVEIRA, G. de. **A Associação de Agroturismo Acolhida na Colônia e o turismo rural em São Bonifácio - SC**. 2015. 104 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

OLIVEIRA, Giully;; BASQUEROTE, Adilson, T.S. Patrimônio natural e cultural em São Bonifácio (sc): os desafios da gestão integrada. In: In: Nilzo Ivo Ladwig, Hugo Schwalm. (Org.). **Planejamento e gestão territorial: gestão integrada do território**. 1ed.Criciúma: UNESC, 2017, v. 1, p. 52-64.

PIRES, Elson Luciano; VERDI, Adriana Renata. "A mobilização dos territórios para o desenvolvimento dos arranjos produtivos locais: gênese, aspectos conceituais e bases metodológicas" in: SILVEIRA, Márcio Rogério; LAMOSO, Lisandra Pereira; MOURÃO, Paulo Fernando (orgs.). **Questões Nacionais e Regionais do Território Brasileiro**. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 83-103.

SANTOS, Milton. "Espaço e denominação: uma abordagem marxista" in: **Economia Espacial**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2003, p. 137-60.

SPECHT, S.; RUCKERT, A. Sistema agroalimentar local: uma abordagem para análise da produção de morangos, no Vale do Caí, RS. **Anais do XLVI Congresso da Sociedade de Economia, Administração e Desenvolvimento Rural**, Rio Branco, 2008.

STRINGHETA, P.C.; MUNIZ, J.N. (Eds) **Alimentos Orgânicos: produção, tecnologia e certificação**. Viçosa: Editora UFV, 2003.

TEDESCO, J. C. **Terra, Trabalho e Família: racionalidade produtiva e ethos camponês**. Passo Fundo: EDIUPF, 1999.

TRIVELLATO, Maria D. ; FREITAS, Gilberto B. “Panorama da Agricultura orgânica” in: STRINGHETA, Paulo C. ; MUNIZ, José N. (orgs.). **Alimentos Orgânicos: produção, tecnologia e certificação**. Viçosa: UFV, 2003.

VIEIRA, Paulo Freire; CUNHA, Idaulo José. “Representando o desenvolvimento catarinense” in: VIEIRA, Paulo Freire (org.). **A Pequena Produção e o Modelo Catarinense de Desenvolvimento**. Florianópolis: APED, 2002, p. 289-310.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. “Raízes históricas do campesinato brasileiro” in: TEDESCO, João Carlos (org.). **Agricultura Familiar Realidades e Perspectivas**. 3. ed. Passo Fundo: EDIUPF, 2001, p. 21-55.

WEIMER, G. **Arquitetura Popular da Imigração Alemã**. 2 ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2005.

SOBRE O ORGANIZADOR

CLEBERTON CORREIA SANTOS Graduado em Tecnologia em Agroecologia, Mestre e Doutor em Agronomia (Produção Vegetal). Tem experiência em Ciências Agrárias, atuando nos seguintes temas: Agricultura Sustentável, Uso de Resíduos Sólidos Orgânicos, Indicadores de Sustentabilidade, Substratos e Propagação de Plantas, Plantas nativas e medicinais, Estresse por Alumínio em Sementes, Crescimento, Ecofisiologia e Nutrição de Plantas, Planejamento e Análises de Experimentais Agrícolas. (E-mail: cleber_frs@yahoo.com.br).

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adubação verde 83

Agricultura familiar 37, 38

Agrobiodiversidade 72

Arranjos agroflorestais 79

C

Cobertura do solo 105

P

Políticas de incentivo 7

S

Saneamento básico 109

Segurança alimentar 13

Sustentabilidade 2, 5, 53, 56, 127

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-499-3

